

*Jean-Christophe Rufin*

# O grande Jacques Cœur

Tradução de  
Isabel St. Aubyn

 Porto  
Editora

Sei que ele veio matar-me. É um homem baixo e atarracado que não tem os traços fenícios das gentes de Quios. Dissimula-se quanto pode, mas vi-o várias vezes nas ruelas da cidade alta e do porto.

A natureza é bonita nesta ilha e não consigo acreditar que tal cenário possa ser o da minha morte. Tive tanto medo ao longo da vida, senti tantas vezes receio de venenos, de acidentes, de punhais que acabei por formar uma ideia bastante precisa do meu fim. Sempre o imaginei na penumbra, ao crepúsculo de um dia de chuva, escuro e húmido, um dia semelhante àquele em que nasci e a todos os da minha infância. Como é que estas figueiras-da-índia tumefactas de açúcar, estas flores roxas que pendem em cachos ao longo dos muros; como é que este ar parado, tão palpitante de calor como a mão de um apaixonado, estes caminhos que cheiram a ervas aromáticas, estas casas cobertas de telhas, arredondadas como ancas de mulheres, como é que todos estes esplendores calmos e simples poderiam servir de instrumento à noite absoluta e eterna, à frieza violenta da minha morte?

Tenho cinquenta e seis anos. Um corpo de plena saúde. As torturas que sofri durante o meu processo não deixaram nenhuma marca. Nem sequer despertaram a minha repugnância pelos homens. Pela primeira vez há muito tempo, talvez desde sempre, não tenho medo. A glória, a mais extrema riqueza, a amizade dos poderosos abafaram o que podia haver em mim de ambição, de impaciência ávida, de desejos

vãos. A morte, se hoje me atingisse, seria mais injusta do que nunca.

Elvira, ao meu lado, não sabe nada. Nasceu nesta ilha grega e nunca daqui saiu. Ignora quem sou e é isso que aprecio nela. Encontrei-a depois de terem partido os barcos da cruzada. Não viu os capitães dos navios, os cavaleiros ataviados para o combate, o legado do Papa que me testemunhou o seu respeito fingido e as suas homenagens hipócritas. Todos acreditaram nas minhas pretensas dores de barriga e desarranjo intestinal, e aceitaram largar-me nesta ilha para que me curasse ou, mais provavelmente, morresse. Supliquei-lhes que me instalassem num albergue perto do porto e não na cidadela da velha podestade. Disse-lhes que morreria de vergonha se este nobre genovês, no regresso da viagem, fosse informado de que eu desertara do combate... Na realidade, receava sobretudo que viesse a saber que me encontrava de perfeita saúde. Não queria ficar a dever-lhe nada nem que ele, chegado o momento, me impedisse de abandonar a ilha para gozar a minha liberdade.

Observou-se, pois, aquela cena ridícula em que eu, deitado, de braços estendidos sobre os lençóis, suava não de febre, mas da atmosfera abafada que penetrava no quarto. Em redor da cama, num amontoado de homens que alcançava a escada de madeira e até a sala de teto baixo situada no piso inferior, comprimia-se um grupo de cavaleiros de cota, de prelados envergando as mais ricas casulas, saídas dos baús das naus, e ainda amarrotadas por ali terem estado dobradas, capitães de elmo debaixo do braço, enxugando as lágrimas com os grossos dedos. No seu silêncio embaraçado, todos pretendiam desculpar-se da cobardia que pensavam cometer abandonando-me à minha sorte. Pela minha parte, o meu silêncio pretendia ser o da absolvição, do destino aceite sem um murmúrio. Depois de sair o último visitante, de me certificar de que já não ouviria, ao fundo da ruela, o entrecchoque das armas, o barulho das solas e dos ferros nas pedras da

calçada, deixei explodir o riso que tão dificilmente contivera. Ri-me durante um bom quarto de hora.

Ao ouvir-me, o estalajadeiro grego começou por julgar que a agonia se manifestara em mim sob a máscara odiosa da comédia. Quando repeli os lençóis e me levantei, acabou por compreender que me sentia simplesmente feliz. Foi buscar um palhete e brindámos. No dia seguinte, paguei-lhe bem. Forneceu-me roupa de camponês e fui passear pela cidade para preparar a minha fuga desta ilha. Foi só naquele momento que descobri o homem que quer assassinar-me. Não imaginara tal encontro. Este provocou em mim mais atrapalhão do que medo. Infelizmente, tenho um longo hábito destas ameaças, mas tinham desaparecido nos últimos meses e julgara-me livre delas. A perseguição de que sou objeto contrariava de novo os meus planos. A minha partida desta ilha tornara-se mais complicada, mais perigosa.

Em primeiro lugar, teria de evitar hospedar-me na cidade, onde facilmente poderia ser desmascarado. Pedi ao estalajadeiro que me alugasse uma casa escondida no campo. O homem descobriu uma no dia seguinte e indicou-me o caminho. Parti de madrugada, faz agora uma semana. Foi no último momento que deparei com a casa, pois esta é protegida dos ventos que sopram da terra por sebes de plantas espinhosas que a dissimulam dos olhares. Cheguei à hora do calor matinal, suado e coberto pelo pó fino do caminho gredoso. Aguardava-me uma mulher alta e morena, chamada Elvira. O estalajadeiro devia ter considerado avultada a quantia que eu lhe pagara, julgando tratar-se de um engano. A fim de evitar que corrigisse o erro, sobrecarregara o serviço acrescentando uma mulher ao aluguer da casa.

Elvira, com quem só podia comunicar através do olhar, recebeu-me com uma simplicidade que há muito tempo não via. Para ela, eu não era nem o moedeiro do rei de França, nem o fugitivo protegido pelo Papa, mas apenas Jacques. O meu apelido, Elvira ficou a sabê-lo quando lhe peguei na mão para

a pousar sobre o meu coração. Este gesto teve o efeito de a levar a pegar por seu turno na minha mão, pelo que, pela primeira vez, senti o seu seio redondo e firme na palma da minha mão.

Em silêncio, incitou-me a despir a roupa e lavou-me com uma água perfumada de alfazema que aquecera ao sol num jarro. Enquanto Elvira me esfregava suavemente com cinza muito fina, eu observava ao longe o declive cinzento esverdeado da encosta coberta de oliveiras. Os navios da cruzada tinham esperado pelo meltem<sup>1</sup> para abandonar o porto. Afastavam-se lentamente, velas pouco enfunadas pelo vento morno. Como chamar ainda cruzada a esta última excursão náutica, bem distante dos turcos? Três séculos antes, quando cavaleiros, pregadores, indigentes acorriam à Terra Santa para aí encontrarem o martírio ou a glória, a palavra tinha sentido. Hoje, que os otomanos ganhavam em todas as frentes, que ninguém tinha a intenção nem os meios de os combater e que a expedição se limitava a encorajar e armar com belos discursos as raras ilhas que ainda se dispunham a resistir-lhes, que impostura apelidar esta viagem com o tonitruante nome de cruzada! Era apenas o capricho de um velho Papa. Infelizmente, este velho Papa salvara-me a vida, e eu também tomara parte na fantochada.

Em seguida, Elvira pegou numa esponja do mar embebida em água tépida. Limpou-me metodicamente, sem desprezar a mínima prega da pele e eu estremeci em contacto com o que tinha a doçura áspera de uma língua de felino. O ar dos barcos era tristonho, no horizonte azul do mar. Baloçavam enquanto avançavam devagar, mastros inclinados como bengalas de um grupo de inválidos. Ali mesmo à nossa volta, os grilos soltavam notas estridentes que aprofundavam o silêncio e o enchiam de expectativa. Quando atraí Elvira contra mim, ela resistiu

<sup>1</sup> Meltem – Ventos bonançosos de verão que dominam no mar Egeu, soprando de Norte e de Nordeste entre março e agosto. (*N. da T.*)

e levou-me para casa. Para os habitantes de Quios, como para os povos do oriente, o prazer está na sombra, na frescura, no isolamento. O sol aberto, o calor e o espaço representam para eles violências insuportáveis. Deixámo-nos ficar deitados até à noite e, nesse primeiro dia, jantámos pão e azeitonas no terraço, à luz de uma lamparina de azeite.

No dia seguinte, incógnito sob o meu disfarce, rosto coberto pela aba de um grande chapéu de palha, acompanhei Elvira à cidade. No mercado, atrás de uma banca de figos, avistei de novo o homem que veio para me matar.

Em tempos idos, esta descoberta ter-me-ia incitado a agir: teria procurado fugir ou lutar. Desta vez, e sem tomar nenhuma decisão, fiquei paralisado. É estranho que, em vez de me precipitar para o futuro, o perigo me remeta agora para o meu passado. Não vejo a minha vida de amanhã, apenas a de hoje e sobretudo a de ontem. O momento presente, na sua doçura, chama a si os fantasmas da memória e, pela primeira vez, sinto intensamente a necessidade de fixar estas imagens no papel.

O homem lançado no meu encaço parece não estar só. Em geral, estes assassinos agem em grupo. Tenho a certeza de que Elvira poderia ensinar-me muito sobre eles. Elvira prevê o mínimo dos meus desejos. Se um deles fosse prolongar-me a vida, ela desvelar-se-ia para o satisfazer. Mas eu não lhe disse nada, não lhe sugeri nada. Não por querer morrer. Penso confusamente que a minha morte, quando vier, se inscreverá num destino e que terei primeiramente de o decifrar. É por isso que todos os meus pensamentos me empurram para trás. O tempo decorrido guardou no meu espírito um novelo apertado de recordações. Preciso de o desenrolar lentamente para estender o fio da minha vida, e compreender quem deverá um dia cortá-lo. Foi assim que comecei a escrever as minhas Memórias.

Elvira armou uma prancha de madeira por baixo da latada, do lado do terraço em que a sombra se instala ao fim

da manhã. A minha mão não está habituada a pegar na pena. Outros o fizeram por mim durante muitos anos e mais para alinhar algarismos do que palavras. Quando me disciplino a formar frases, quando me esforço por organizar o que a vida lançou ao acaso sobre mim, sinto nos dedos e no espírito uma dor muito semelhante à fruição. Parece-me que participo de uma nova maneira no laborioso parto pelo qual o que veio ao mundo retrocede, em forma de escrita, depois da longa gestação do esquecimento.

Sob o sol ardente de Quios, tudo o que vivi torna-se claro, colorido e belo, mesmo os momentos dolorosos e sombrios.

Sinto-me feliz.

\*\*\*

A minha recordação mais antiga data dos sete anos. Até esta idade, tudo se mistura, obscuro, uniformemente cinzento.

Nasci no momento em que o rei de França perdia a razão. Contaram-me muito cedo esta coincidência. Nunca julguei que pudesse haver a mínima ligação, mesmo sobrenatural, entre a loucura brutal de Carlos VI, sobrevinda enquanto atravessava a cavalo a floresta de Orléans, e o meu nascimento, não muito longe dali, em Bourges. Mas sempre pensei que a luz do mundo se extinguiu com a razão do monarca, como durante o eclipse de um astro. Daí decorria o horror que nos envolvia.

Em casa ou na rua, só se falava da guerra contra os ingleses, que durava há mais de um século. Todas as semanas, por vezes todos os dias, chegava-nos o relato de um novo massacre, de uma infâmia sofrida por inocentes. Mas estávamos na cidade e protegidos. O campo, onde eu não ia, parecia suportar todas as violências. As nossas criadas, que tinham parentes nas aldeias em redor, vinham contar histórias monstruosas. Eu, o meu irmão e a minha irmã éramos mantidos